

## **Arteterapia no Contexto Social e Comunitário: ruas, abrigos, instituições e comunidades**

Natalia Pieczarka<sup>6</sup>

A presente resenha tem por objetivo descrever e comentar brevemente o livro **Arteterapia no Contexto Social e Comunitário: ruas, abrigos, instituições e comunidades**, publicado em 2021 pela Editora WAK em parceria com o Instituto Sedes Sapientiae, e organizado pelas arteterapeutas Dra. Selma Ciornai e Esp. Natália Harumi Pieczarka. O livro é o quarto volume de uma coleção denominada *Arteterapia: desafios da contemporaneidade* e conta com um total de nove capítulos e doze autoras. Trata-se de um livro de relatos de experiências arteterapêuticas em contextos variados, tendo como elementos comuns o trabalho com uma população vulnerabilizada socialmente e em espaços comunitários. Os nove capítulos do livro foram divididos em quatro itens: 1-Situação de Rua e Dependência Química; 2-Mulheres Abrigadas; 3-Mulheres na Comunidade; 4-Crianças e Adolescentes na Comunidade.

Dentro do item “Situação de Rua e Dependência Química” há três capítulos. O primeiro capítulo, denominado “O Não-Dito Bem-Dito: Arteterapia com homens idosos abrigados”, de autoria de Natália Harumi Pieczarka, descreve um trabalho com um grupo com homens idosos (a partir de 60 anos) abrigados em uma ONG, e que passaram a maior parte de suas vidas em situação de rua. O segundo capítulo, “A Arteterapia e a Rua: uma forma de escuta para aqueles que vivem a dura realidade das ruas”, de Viviane Bezerra dos Santos, relata um trabalho com grupos de homens em situação de rua em um centro de convivência. O terceiro capítulo, “Um Experienciar a Arteterapia com Dependentes Químicos”, de Andréa Cravo, narra o trabalho com grupos de homens adultos dependentes químicos em uma ONG.

No item “Mulheres Abrigadas” há dois capítulos. O primeiro chama-se “Roda de Partilha: arteterapia com mulheres abrigadas”, de Ana Cristina Murad, Julia Fontes e Rita Maria Dias, e descreve um trabalho com grupos de mulheres abrigadas, muitas delas imigrantes, em um Centro de Acolhida Especial (CAE). O segundo, denominado “Tecendo Fios de Resistência: a arteterapia como mediação no trabalho com mulheres institucionalizadas”, de Gracielle Feitosa de Loiola, narra o trabalho realizado com grupos de mulheres abrigadas em um centro de acolhida. Apesar da similaridade dos públicos, os trabalhos se diferenciam tanto em termos de história de vida das participantes quanto em

---

<sup>6</sup> Psicóloga pela Universidade da Amazônia (UNAMA); Cientista Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA); Gestalt-terapeuta pelo Centro de Capacitação em Gestalt-Terapia (CCGT); Arteterapeuta pelo Instituto Sedes Sapientiae. *Link* do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1482472066388731>. AATESP (500/0419); e-mail: [nataliapieczarka@hotmail.com](mailto:nataliapieczarka@hotmail.com).

estilo de condução das facilitadoras, o que traz uma perspectiva interessante em termos de diferentes possibilidades dentro da Arteterapia.

Já no terceiro item, o “Mulheres na Comunidade”, encontramos dois capítulos. No primeiro capítulo, “A Casa como Metáfora do EU”, as autoras Márcia Bombarda e Renata Schwinden descrevem um trabalho com um grupo de mulheres, realizado nas dependências de uma igreja que promove atividades comunitárias em sua região. No segundo texto, “Mulheres pássaros aprendendo a voar”, a autora Vera Maria Rossetti Ferretti relata o trabalho que desenvolveu com grupos de mulheres moradoras da comunidade do Bonete, litoral de São Paulo.

Por fim, no último item, “Crianças e Adolescentes na Comunidade”, há dois capítulos. O primeiro capítulo, “Arteterapia para Crianças em Situação de Violência e Vulnerabilidade Social”, de Sabrina Franco da Rocha, descreve um trabalho com um grupo de crianças em um centro para crianças e adolescentes (CCA). O segundo capítulo, “Infinito Olhar: fotografia experimental como recurso arteterapêutico de transformação social em patrimônio histórico”, de Elisângela Cristina de Oliveira Madi narra um trabalho com um grupo de arteterapia e fotografia com crianças e adolescentes da cidade histórica de Paranapiacaba, no estado de São Paulo.

Cada capítulo apresenta experiências arteterapêuticas com públicos distintos entre si em termos de gênero, faixa etária, nacionalidade, necessidades e situação de moradia; e inclui embasamento teórico referente à população atendida, objetivos terapêuticos e metodologia dos trabalhos desenvolvidos. No entanto, os capítulos também possuem elementos comuns. Um primeiro aspecto comum é que todos as experiências arteterapêuticas descritas foram realizadas com grupos de pessoas (sejam grupos abertos ou fechados).

Outro elemento comum é que, em todos os trabalhos, as arteterapeutas se deslocaram de seus espaços privados e se dirigiram aos territórios das pessoas atendidas (abrigos, centros de acolhida, centros comunitários, etc.). Isso é algo bastante relevante pois, ao se inserir nesses territórios, as terapeutas puderam compreender de maneira experiencial essas realidades, perceber e testemunhar sutilezas das vidas das pessoas e suas relações (que dificilmente chegariam tão diretamente nos consultórios ou ateliês terapêuticos) e, com isso, encontrar novos caminhos e novas possibilidades de propostas e intervenções arteterapêuticas.

Por fim, como já foi dito anteriormente, todos os trabalhos foram realizados com pessoas vulnerabilizadas socialmente. Dessa forma, ainda que cada grupo e indivíduo sejam únicos, algumas demandas similares foram encontradas, como sentimentos de exclusão, solidão, impotência, não pertencimento e desesperança. Foram recorrentes os relatos de pessoas que presenciaram e/ou foram vítimas de violências, discriminação, preconceitos,

abandonos. Pessoas que têm suas vidas e necessidades invisibilizadas, seus laços sociais e afetivos desestabilizados ou rompidos, e uma conexão reduzida com suas capacidades criativas.

A partir dessas demandas, cada capítulo do livro demonstra na prática como a Arteterapia pode ser efetiva em termos de intervenções terapêuticas e transformação social. Através da linguagem acessível e prazerosa da arte, os participantes dos grupos puderam lidar com temas dolorosos, mobilizar recursos internos, construir sentidos, resgatar a autoestima e a autoconfiança. O processo arteterapêutico em grupo também foi valioso no sentido de construir vínculos e redes de solidariedade, gerando um fortalecimento também coletivo e comunitário. Por fim, o contato com uma linguagem não verbal e simbólica foi facilitador para dizer o indizível e, com isso, trazer voz, protagonismo e empoderamento para aqueles que nunca ou pouco os tiveram.

Ao pensarmos no Brasil de hoje não é difícil perceber o quanto o trabalho comunitário se faz cada vez mais necessário. Atualmente, vemos um aumento de pessoas em situação de rua, comunidades inteiras em contexto de insegurança alimentar, catástrofes climáticas (que também atingem grandes contingentes populacionais), índices crescentes de violência, desigualdades, opressões, em uma sociedade que segrega, criminaliza e exclui. Dessa forma, esse livro pode ser interessante no sentido de ampliar possibilidades e incentivar profissionais da Arteterapia a seguir construindo dentro do contexto social e comunitário e, com isso, contribuindo para transformações sociais tão necessárias no Brasil.